

MAIS-VELHOS E MAIS-NOVOS NA MODERNIDADE DAS LITERATURAS AFRICANAS

Sueli da Silva SARAIVA¹

RESUMO: Os projetos literários na Angola e Moçambique do pós-1975 têm trazido à superfície as singularidades de uma geração nascida numa pátria livre da experiência colonial e imbuída ao mesmo tempo das modernas visões do mundo capitalista globalizado e dos elementos das tradições culturais legadas de seus mais-velhos. Pretende-se neste texto, a partir de duas personagens jovens, Manecas e Marianinho; e duas mais-velhas, Ti-Lucas e avô Mariano, nos romances *Mãe, materno mar* (2001), do angolano Boaventura Cardoso, e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), do moçambicano Mia Couto, respectivamente, verificar reflexos na literatura do conflito entre os elementos da tradição e os da modernidade em sua possível síntese na formação identitária dessas jovens nações.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-colonialismo; literatura africana; Mia Couto; Boaventura Cardoso; tradição; modernidade.

As literaturas angolana e moçambicana pós-1975, ou seja, da virada do século, ao trazerem para a sua “organização interna” — na concepção de Antonio Candido — fatores sociais, religiosos, familiares, de trabalho etc. a partir do contexto de suas sociedades-matrizes, vão revelando um movimento pendular entre uma ideologia capitalista moderna, de um lado, e uma ideologia enraizada nas culturas tradicionais, de outro. Esse movimento tem sido comumente designado pela crítica como um *conflito entre tradição e modernidade*, termos que por si só demandam uma análise criteriosa, não cabível neste espaço.

De qualquer modo, para evitar incorrer num enfoque redutor em nosso campo de estudo, é suficiente lembrar que a crítica condena uma leitura dualista de que a tradição só pertence à África e a modernidade só pertence à Europa. Ao contrário, é preferível

¹ USP/CAPES. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Av. Eng. Heitor Antonio Eiras Garcia, 79, ap. 121C. CEP. 05588-000. São Paulo, SP. Brasil. suelisaraiva@usp.br

uma visada crítica que considere os adjetivos *tradicional* e *moderno* no contexto específico de cada sociedade, seja africana, européia, americana etc.

O crítico contemporâneo indiano Partha Chatterjee, pensador dos chamados estudos subalternos e debatedor do tema nacionalismo, assim aborda o conceito de modernidade em referência à herança européia na Índia: “Se há uma definição universalmente aceitável da modernidade, é esta: a de que, ao nos ensinar a empregar os métodos da razão, a modernidade universal nos permite identificar as formas de nossa própria modernidade particular” (CHATTERJEE, 2004, 51).

Assim, no caso africano, poderíamos supor que uma “modernidade particular” se expressaria numa chave dialética entre as crenças e costumes tradicionais e as tecnologias e modos de vida modernos, processos não mutuamente excludentes. Isso, por sua vez, se reflete e é refletido nas literaturas, chamando a atenção da crítica, conforme aponta a africanista brasileira Laura Padilha:

A leitura de uma série expressiva de romances editados nos últimos anos do século passado e nos iniciais do XXI comprova (...) que a tradição ainda permanece sendo um elemento produtor de sentidos dos mais instigantes. Isso se explica pelo fato mesmo de que os sujeitos africanos, nesse tempo marcado pela intensa tempestade da globalização, não abdicam de reforçar o seu próprio repertório cultural²

Em outro lugar, Padilha aponta para a inadequação do dualismo África/Europa no seio dos estudos literários africanos quando se aborda o tema tradição e modernidade:

[É] chegada a hora de se pensarem algumas postulações sem os clichês dualistas que as recobrem e que não contribuem para o avanço dos estudos literários africanos. Assim, ao invés de atribuir à África apenas o peso da tradição oral e do arcaico, deixando para a Europa o papel da modernidade que se associa naturalmente ao universo da escrita, quero-me debruçar sobre a inter-relação de

² “A tradição e a transformação em textos romanescos africanos 1”. União dos Escritores Angolanos.

ambas as coisas. (...) o isto *e* o aquilo e, não, o isto *ou* aquilo (PADILHA, 2002, 39, itálicos da autora).

A esse convite à reflexão, esboçaremos aqui um breve exercício crítico sobre a conjunção do “isto *e* [do] aquilo” nos romances *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), do moçambicano Mia Couto e *Mãe, materno mar* (2001), do angolano Boaventura Cardoso, cujos enredos giram em torno da relação entre personagens representativas da modernidade africana, os chamados mais-jovens; e as representativas da tradição africana, os mais-velhos.

Recordemos que *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* narra a história de uma visita. Marianinho, jovem estudante universitário, deixa a cidade onde reside e cruza o rio Madzimi rumo à ilha onde nascera, para participar do funeral de seu avô, Dito Mariano. A ilha que ele reencontra, após longo período de ausência, está decadente, num semi-estado de existência, tal qual a vida de seus habitantes. Sua estada ali será ocasião de vivenciar situações extraordinárias, mistérios e revelação de segredos envolvendo a comunidade, sua família e sua própria existência.

O enredo se desenvolve por cerca de onze dias, tempo entre a chegada de Marianinho e o enterro do avô. Sua estada é prolongada por uma situação absolutamente inusitada, o morto Mariano não pode ser enterrado, pois, apesar do corpo velado, sua morte de fato não é confirmada. A teimosia do pseudodefunto em não se deixar enterrar, se deve à missão que este ainda tinha com o neto: ajudá-lo a redescobrir os elos familiares, o seu pertencimento àquele lugar e a preservar os valores tradicionais da casa, ou, da terra. Assim o avô lhe explicou: “Você cruzou essas águas por motivo de um nascimento. Para colocar o nosso mundo no devido lugar” (COUTO, 2003, 64).

O mundo fora do lugar estava corrompido pelos excessos da modernidade (hipocrisia, ambição desmedida, criminalidade) e o apagamento das tradições ancestrais.

A própria demora no sepultamento do avô Mariano é um importante exemplo desse conflito: de um lado, a tradição exige que todos os ritos sejam cumpridos no devido tempo, no tempo em que o morto se decidir (!). Por outro lado, a modernidade aponta o relógio lembrando que *time is money*, e que o enterro deve ser definido.

A trama do romance se dá por meio das nove cartas do avô-defunto ao neto Marianinho. São cartas escritas numa espécie de “psicografia”, pois o conteúdo provém do avô, mas a escrita, a forma da comunicação se dá pela própria caligrafia do neto. Mesmo o recebimento de cartas tão extraordinárias já configura um desafio à racionalidade do jovem cidadão. Afinal, ele diz incrédulo, “não é o Senhor; não pode ser o Avô que escreve isto”. Mas aos poucos as dúvidas vão se dissipando e ele participa do jogo epistolar, que implica revelações, confissões e ensinamentos do mais-velho, culminando na descoberta do verdadeiro elo que unia avô e neto, mais-velho e mais-novo: o avô era, na verdade, seu verdadeiro pai, ou seja, a proximidade entre o guardião das tradições e o aprendiz da modernidade era ainda mais íntima.

As cartas, do modo como as conhecemos, “movem-se entre presença e ausência, ao mesmo tempo em que, à distância, mantêm vínculos”, conforme nos recorda um trio de pesquisadoras de Minas Gerais (BASTOS *et alii*, 2002, 5). No sentido geral, as cartas têm a função de estabelecer a comunicação entre indivíduos circunscritos numa mesma época, mas distanciados no espaço.

Mas, em *Um rio chamado tempo...*, a correspondência entre um avô semimorto (em transição do presente para o passado) e seu neto-filho (vivo no presente e em transição para o futuro) presumem uma outra chave de interpretação, isto é, vinculam personagens próximas no espaço (avô e neto estão numa mesma casa), mas separadas no tempo, ou num “rio chamado tempo”.

Em suma, trata-se de uma distância temporal que será superada pela interação discursiva da oralidade de um e da escrita de outro, da tradição e da modernidade africana, ou ainda, da diluição simbólica da distância que separa os mais-jovens de seus mais-velhos. Conforme conclui Marianinho: “...a maior aspiração do homem não é voar. É visitar o mundo dos mortos e regressar, vivo, ao território dos vivos. Eu tinha me convertido num viajante entre esses dois mundos...” (p. 258).

Nosso segundo exemplo é o romance angolano *Mãe, materno mar* (MMM). Nele é narrada a história de uma viagem. A personagem central é Manecas, um jovem que acabara de concluir estudos secundários em Malange, sua cidade natal no interior de Angola, e que parte, de forma voluntária e planejada, em busca de emprego na capital litorânea, Luanda.

Mas sua viagem de trem de Malange a Luanda, que levaria algumas horas, chegará ao destino final exatos quinze anos após a partida. Participam dessa extraordinária viagem Manecas e mais cerca de duzentos passageiros divididos entre a primeira, segunda e terceira classes, conforme a condição social. Têm-se, assim, a representação das faces da sociedade angolana, a face moderna (homens de negócios, atletas profissionais, altos funcionários públicos, líderes religiosos cristãos) e a mais tradicional, representada principalmente na figura do velho cego Ti-Lucas, que dividirá com Manecas a centralidade do enredo.

O velho cego é o guardião das sabedorias tradicionais; ele circula sem lugar fixo no trem, tampouco é um passageiro típico naquela viagem: ex-funcionário da ferrovia, ele circula com seu guia há mais de vinte anos em todas as viagens e é conhecido e respeitado por todos. Na fatídica viagem de Manecas, ele figura como parte integrante da locomotiva, circula por todas as classes “cantando e recebendo dinheiro”. Como um demiurgo, caberá a ele emprestar sua sabedoria nos momentos mais difíceis da viagem,

mostrando que a solução dos conflitos e a boa solução para aquela viagem não está apenas na força do dinheiro, mas também no respeito às tradições da terra. Este aprendizado dos valores da tradição constituirá o cerne da experiência de Manecas.

Sobre o culto às tradições presentes no modo de vida angolano contemporâneo, vale recordar uma declaração do próprio autor do romance. Em uma entrevista concedida em 2005, Boaventura Cardoso reflete sobre os motivos que o levam a abordar as tradições culturais de seu país sob o ponto de vista literário. Eis alguns trechos de sua fala:

Trata-se aqui da angolanidade iluminada a partir da questão da interação entre a tradição e a modernidade, muito presente em nossa sociedade. Aliás, é uma questão muito atual. (...) Eu sinto que a tradição não é imobilismo total. (...) A própria tradição sofre alterações ao longo dos tempos. Enquanto escritor, estou preocupado em perceber e refletir na minha escrita esses fenômenos, essas alterações de comportamento tradicionais das populações (...). A tradição entra no texto enquanto forma [no caso de sua recriação lingüística] e não apenas tema (In: CHAVES *et alii*, 2005, 31).

Tal interação entre modernidade e tradição se dá no romance em questão ao longo da viagem do jovem Manecas e seu testemunho das ações do velho cego Ti-Lucas que, no papel de mais-velho, vai revelando ao mais-novo a face Janus de sua sociedade.

Manecas embarca na viagem já trazendo na bagagem uma experiência inconsciente de pertencimento a um mundo ambíguo. Nascido no interior, local onde as tradições se manifestam de forma mais acentuada, ele tem um histórico pessoal plasmado por uma lenda em torno de seu nascimento, segundo a qual ele nascera sob um encantamento que o ligava à água (o menino-kianda), segundo a crença de sua amada mãe. Provavelmente, em consequência do imaginário alimentado pela crença da mãe, ele passa a idolatrar o mar quase como uma obsessão: “Não era então quem que mais sabia estudado os enciclopédicos marítimos saberes? (...) Na escola só gostava de desenhar mares, rios, lagos, os navios, barcos, portos, todas as águas” (CARDOSO,

2001, 213-4). O conflito vai se instalar quando a vida adulta começa a lhe exigir a racionalidade cabível à pessoa escolarizada — um sistema de valores opostos às crenças e costumes tradicionais africanos, ou seja, aquelas crenças que, através da mãe, faziam parte do próprio ser. Com sua subjetividade fendida, ele crê que a resposta está no encontro com o verdadeiro mar. Daí a viagem que, segundo afirma, tem ainda por objetivo, além do emprego na cidade, o sonhado encontro com o mar.

No entanto, ao se deparar inicialmente com os eventos da tradição, os quais ele não entendia, ele vai assumir uma postura defensiva, afirmando que num mundo cada vez mais modernizado não valia a pena se preocupar com as tradições populares (p. 52). Aqui, tal qual no romance de Mia Couto, será preciso um tempo apropriado para que o jovem restabeleça os vínculos entre a tradição e a modernidade em sua existência, chegando à sua “modernidade particular”, recordando o estudioso indiano Chatterjee.

Diferentemente de Marianinho, no romance de Mia Couto, o aprendizado da tradição não se dará para Manecas por meio de cartas, mas pelo próprio contexto da viagem, que culminará igualmente na supressão da distância temporal entre os valores do passado, representados por ti-Lucas e os valores do presente com vistas ao futuro, representado por Manecas.

Em termos físicos, uma viagem tem a função de unir dois pontos distantes no espaço, mas relativamente participantes de um mesmo tempo. Assim, uma viagem transatlântica do Brasil até Angola, por exemplo, ainda que demore algumas horas por via aérea, ou alguns dias, por via marítima, ocorrerá num tempo que será insuficiente para provocar mudanças significativas na vida dos indivíduos dos dois lados do Atlântico; enquanto que a distância percorrida de um ponto a outro se altera significativamente. No caso de uma viagem que demora quinze anos para se realizar, ainda que não altere a distância a ser percorrida, como é o caso do percurso por via

férrea de Malange até Luanda, a dimensão temporal alterará forçosamente a vida de todos os envolvidos na viagem.

Podemos traçar um paralelo entre a viagem que reúne Manecas e Ti-Lucas e as cartas que, no romance de Mia Couto, reúnem Mariano (avô) e Marianinho (neto), ou seja, ambas tem a função de restabelecer a comunicação entre indivíduos circunscritos num mesmo espaço, mas distanciados no tempo.

A locomotiva, no romance de Boaventura Cardoso, no seu anda-e-pára ao longo da via férrea, vai possibilitando a diluição da distância que separa o mais-jovem dos costumes de seus ancestrais; logo, também uma distância temporal, não espacial. Por isso, em se tratando de uma narrativa temporal, é indiferente se o percurso transcorre em cinco horas ou em quinze anos. O importante é o tempo necessário para a síntese a ser formada entre os valores da tradição e os da modernidade por meio dos eventos ocorridos, os quais são testemunhados por Manecas. Um tempo “de outros tempos”, nas palavras de Ti-Lucas, para o restabelecimento de laços entre o passado encerrado na escuridão de uma cegueira e o presente que sonha com a imensidão do mar, conforme a obsessão de Manecas.

Assim, quando finalmente o trem chega a Luanda trazendo Manecas, com a família que constituíra durante a viagem, ele parece ter alcançado uma síntese que apaziguou seu espírito e, “como já fosse noite, no dia seguinte, sob uma chuvinha, Manecas, a mulher e o filho, acompanhados de Ti-Lucas e o guia, foram ainda molhar os pés na água do mar. E assim Manecas retornou às maternais águas”.

Concluindo, ainda que a modernidade seja a mola propulsora do mundo globalizado, do qual a África participa, os fortes elementos tradicionais, sejam religiosos, parentais etc., evocam um diálogo de respeito mútuo entre os mais-velhos e

os mais-novos para que o tempo presente seja um elo de ligação entre o passado e o futuro dos valores culturais, configurando uma “modernidade particular”.

Encerramos com a reflexão de Ruy Duarte de Carvalho, que recorda que a tradição não é um bloco maciço e persistente, viscoso e agarradiço que se imagina e teme quando se projetam as idéias ocidentais de desenvolvimento, a tradição, ele diz, não é um peso, é antes um instrumento de que se serve o dinamismo social para avançar. (CARVALHO, 2003, 175).

Referências bibliográficas

Bastos, Maria Helena Câmara. CUNHA, Maria Teresa Santos. MOGNOT, Ana Chrystina Venâncio. “Laços de papel”. In: *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF editora, 2002, p. 5).

Cardoso, Boaventura. *Mãe, materno mar*. Porto: Campo das letras, 2001.

Carvalho, Ruy. *Actas da Maianga*. Lisboa: Cotovia, 2003.

Chaves, Rita *et alii*. *Boaventura Cardoso: a escrita em processo*. São Paulo: Alameda, União dos Escritores Angolanos, 2005.

Chatterjee. Partha. *Colonialismo, Modernidade e Política*. Trad. Fábio Baqueiro Figueiredo. Salvador: EDUFBA, 2004.

Couto, Mia. *Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra*. Lisboa: Editorial Caminho, 2002; São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Padilha, Laura Cavalcante. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. “A tradição e a transformação em textos romanescos africanos 1”. In: União dos Escritores Angolanos. [On line] Disponível em: <http://www.uea-angola.org/artigo.cfm?ID=585>.